



5º Simposio de Ensino de Graduação

O FENÔMENO DA TOPICALIZAÇÃO NA ESCRITA DO VESTIBULAR

Autor(es)

EDINA CRISTINA DE SOUSA IGNACIO

Orientador(es)

Maria Cecília Perroni

1. Introdução

Muito freqüentes na língua falada dos brasileiros são as topicalizações. São fenômenos que ocorrem quando certos constituintes de uma oração, sejam eles o sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, complemento nominal ou adjunto adverbial, aparecem deslocados para a esquerda da mesma. Numa sentença da língua falada, será ele quem irá iniciar a oração, de modo que se perceba que o interlocutor faz um pré-anúncio daquilo que vai proferir na seqüência. É uma forma de se garantir a atenção do interlocutor para o tema sobre o qual se fala. Percebe-se então que, por se tratar de algo tão freqüente na língua falada, o mesmo poderá ocorrer na escrita desses falantes. Entretanto, ao contrário da “aceitabilidade” receptiva na fala, esse fenômeno é rejeitado em produções escritas cultas, como prevê a Gramática Tradicional. Para Eunice Pontes (1987), referência em estudos de Tópicos no português do Brasil, podemos encontrar construções de tópicos no nosso português “escrito”, bem antes do que imaginamos, já nas escritas dos antigos escritores brasileiros.

2. Objetivos

O intuito desse artigo é mostrar como, e em alguns casos porque, ocorrem as chamadas topicalizações em sentenças produzidas nos textos escritos dos vestibulandos. Se por um lado a mesma é muito freqüente na língua falada, por outro pouco se tem registrado a respeito de tais fenômenos na escrita, com exceção de alguns registros do mesmo em textos literários. A linguagem escrita deve obedecer a critérios e padrões pré-estabelecidos e possuir um caráter formal.

3. Desenvolvimento

As pesquisas tiveram início no projeto “ESCREVES” – A escrita no vestibular – coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Cecília Perroni, o qual tem como corpus exclusivo as redações do vestibular a Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP – do ano 2001 a 2006. Para a coleta de dados, foram selecionadas e lidas 200 redações, das quais pode-se constatar a ocorrência de alguns casos de topicalização na escrita,

no total de 7 casos. Partindo das muitas pesquisas realizadas sobre as questões relativas à natureza e uso da língua, no âmbito da Lingüística, como por exemplo, as definições sobre língua e fala, esse trabalho será embasado em alguns estudiosos no assunto e suas respectivas áreas de pesquisa. A Lingüística, também uma ciência, trata de muitos fenômenos. Nesse caso específico temos o termo linguagem, o qual é tido como um grande compreendedor de fenômenos lingüísticos. A preocupação maior dos lingüistas será então, ater-se a uma das “facetas da linguagem”, que pode ser “a constituição sintática das sentenças das línguas naturais”. (MIOTO, 1999:13) Para Miotto, o lingüista, como qualquer outro cientista, ao pesquisar, buscar informações, dados, deve manter-se o mais imparcial possível, livrando-se de tabus e conceitos pré-adquiridos e até mesmo aqueles embasados no senso comum, uma vez que, despido desses “fatores”, poderá chegar a respostas teoricamente aceitáveis, conforme também afirma Lyons (1987). Ao tratar o conceito de Gramática, Miotto e autores como Perini (2004) chamam a atenção para algumas noções de senso comum que permeiam a concepção da mesma, noções essas como a de ser nada mais que um livro com regras chatas e difíceis de se decorar. Sob esse ponto de vista, a Gramática seria “o conjunto de regras ‘do bem falar e do bem escrever’”, tendo como válida apenas uma variedade de língua, aquela que se adequa ao que conhecemos por norma culta ou padrão. Para tais autores, a GT – Gramática Tradicional – “pode ser entendida então como o grande exemplo dessa definição de gramática, o que explica inclusive o seu caráter prescritivo: não fale/escreva assim, porque é errado...” (MIOTO, 1999:17) Quanto a esta definição da GT, os autores mostram que a exemplificação das regras dadas por ela é sempre feita a partir de textos literários antigos, que ditam como deveríamos falar e escrever, tanto em situações formais, quanto informais, e que se não seguirmos estaremos dessa forma, “falando errado”. Segundo Miotto (et alii), a GT “trabalhará com as noções de certo e errado seguindo as construções se conformem ou não a esse ideal de correção lingüística: é um receituário de um pretensão bem falar/escrever”. Porém mesmo sendo seguida, a mesma não é considerada totalmente fechada e precisa, pois apresenta uma deficiência, a de não ser explícita, o que é imprescindível para tratar em termos abstratos os fenômenos que venham a ser estudados. (MIOTO, 1999:18) Fora das noções popularizadas que permeiam a GT, os autores apresentam uma outra definição de gramática, na qual o pesquisador atém-se em diferenciar o que é, e o que não é um fenômeno sintático, para depois descrevê-lo cuidadosamente, explicando-o por uma possível hipótese que deve dar conta do fenômeno em estudo. O que eles propõem como definição relaciona-se com aquilo que conhecemos sobre a capacidade de se comunicar do ser humano, comparado aos animais por exemplo. É de propriedade unicamente da natureza humana o dom de criar, para sua utilização, uma quantidade infinita de sentenças a partir de itens pertencentes a um conjunto finito de elementos. Todos os seres humanos falam uma língua natural, que em conjunto com outros aspectos definidores da natureza humana, denomina-se a “racionalidade humana”, estando o homem não fazendo combinações desordenadas e aleatórias quando fala. Para os autores, isso vai na contramão do que nos é imposto pela Gramática Normativa, pois, “quando falamos, mesmo que não estejamos obedecendo as regras dadas como as únicas possíveis, estamos fazendo uso de regras que são, em última instância, ditadas pela racionalidade humana”. (MIOTO, 1999: 20) Assim sendo, é que levantaremos algumas questões referentes às topicalizações realizadas pelos falantes, no português do Brasil, como também, agora pelos mesmos na escrita. Para Eunice Pontes (1987) as construções mais freqüentes de tópicos são aquelas em que ocorre ou não uma pausa após o tópico, como as do tipo: · O carro, ele está na oficina mecânica. · Eu, eu não irei ao cinema esta semana. · O seu namorado, eu vi ele ontem. Tanto para Pontes (ib.), quanto para os outros autores aqui mencionados, o tópico nessas línguas será caracterizado por um pré-dizer, ou seja, pelo estabelecimento de algo referente ao que irá ser dito logo em seguida. O falante lança o tópico, e na seqüência realiza o restante da sentença, proferindo o comentário. Ressaltam ainda que é importante que essa sentença se realize através de uma relação semântica entre sujeito e predicado. Segundo a autora, na língua portuguesa os sintagmas nominais podem ser tópicos de sentenças, mesmo quando esses ocupam nelas diferentes funções. Exemplificando: ü Sujeito: Minha professora, ela é ótima no que faz. ü Objeto Direto: A gramática nova, Maria comprou ü Objeto Indireto: De muita paciência nós precisamos. ü Adjunto Adnominal: Dois papagaios falantes, meu vizinho comprou. ü Complemento Nominal: De que tudo se resolva, tenho confiança. ü Adjunto Adverbial: “(44) Qualquer elemento você pode fazer isso. (com...)” (PONTES, 1987:19) Trata-se de um fenômeno de língua falada, no entanto, esperamos encontrá-lo também na escrita desses vestibulandos, uma vez que se sabe que os jovens usam muitas marcas ou propriedades da língua falada em sua escrita. Eles estão em um estágio da aquisição da escrita no qual

ainda se encontram registros da oralidade.

4. Resultados

A análise realizada no corpus desse trabalho identificou a presença de sete (7) casos de topicalização na escrita, que, divididos por funções sintáticas, estão agrupados da seguinte forma: ü Topicalização de Sujeito – 3 casos ü Topicalização de Objeto Direto – 1 caso ü Topicalização de Complemento Nominal – 2 casos ü Topicalização de Predicativo do Sujeito – 1 caso. Passando à análise dos três casos de topicalização do sujeito encontrados, verificamos que o primeiro apresenta-se com o termo topicalizado pelo aluno: “ Só que esse evento eu esqueci de comentar que funciona por e-mail, que é um grupo de pessoas que manda um e-mail para vários amigos, e esses amigos mandam para mais outros amigos.” (P 33, R 99) Quando a sentença é passada para sua estrutura profunda, temos um período composto por três orações: Eu esqueci (S1) / de comentar (S2) / que esse evento funciona por e-mail (S3). O sujeito, na estrutura profunda da sentença, está inserido na terceira oração da qual faz parte de fato, ou seja, “esse evento” é sujeito de “funciona”. Já no segundo exemplo de topicalização do sujeito temos: “ A mobilização social vem caminhando em busca de novos aliados para que a cada dia o Flash Mob haja muito mais internautas,[pois a multidão instantânea como é conhecido esse movimento eles são convocados por e-mail.] ” (P33, R13) Em sua estrutura profunda, a sentença na parte em que há topicalização ficaria da seguinte forma: Esse movimento é conhecido como multidão instantânea (S1)/ , ele é convocado por e-mail (S2). Trata-se de topicalização, uma vez que o aluno ao proferir a sentença, retoma o termo “multidão instantânea” da oração anterior, pelo pronome ele, sujeito da segunda oração. O terceiro exemplo é bem mais simples: “ Um político que prejudica a sociedade ele nunca vai assumir o erro, por que como ficaria a imagem dele com a sociedade e com isso ele acabaria jogando a culpa para outro e não assumiria o que ele fez.” (P22, R13) Na estrutura profunda: Um político que prejudica a sociedade (S1) / (*) nunca vai assumir o erro(S2). A topicalização realizada pelo aluno acontece, pois desta vez o sujeito da primeira oração “um político”, é reativado pelo pronome ele, pronome cópia, o qual se encontra elíptico (*) na segunda oração da estrutura profunda da sentença. Nos três casos apresentados, o sujeito topicalizado ocupava diferentes formas em sua estrutura profunda, porém todos mostram que o interlocutor, ao produzir a sentença tenta prender a atenção do outro, fazendo um pré-anúncio daquilo que vai dizer. Quanto ao caso de Objeto Direto encontrado, temos: “Fica expressamente proibido dizer que impontualidade virou normalidade devido ao poder por ela ter.” (P33, R55) Em sua estrutura profunda a sentença passaria para: Fica expressamente proibido (S1) / dizer que impontualidade (S2) / virou normalidade (S3) / devido ela ter poder (S4). Na sentença realizada pelo aluno, o termo topicalizado é “poder”, que de fato é o objeto direto do verbo ter presente na quarta oração em sua estrutura profunda. Funções como as do Complemento Nominal aparecem topicalizados da seguinte maneira: “Cultura quanto mais alto o nível de cultura de uma sociedade é maior a quantidade de riquezas que ela consegue produzir, conseqüentemente as pessoas tem dinheiro para se alimentar melhor, para ir ao médico, ou seja, viver melhor.” (P33, R64) Em sua estrutura profunda, a sentença passa para: Quanto mais alto o nível de cultura de uma sociedade é maior a quantidade de riquezas (S1) / que ela consegue produzir (S2). Aqui o termo “de cultura”, que é o complemento nominal de nível, se encontra inserido na primeira sentença da estrutura profunda, aparecendo topicalizado pelo aluno já no início da construção. Isso também ocorre no exemplo: “Uma coisa que eu tenho certeza (...) (P33, R120) Na estrutura profunda: Eu tenho certeza de uma coisa (S1). Tem-se então “uma coisa” que será o complemento nominal de certeza, que é topicalizado pelo aluno no início da construção, aparecendo empregado no final da única sentença em sua estrutura profunda. Já o Predicativo do Sujeito topicalizado aparece na oração: “Finanças eu ainda não sei o que é, talvez pelo fato de não ter começado a viver nesse vírus que é o meu pobre e belo país.” (P33, R56) Sua estrutura profunda: Eu ainda não sei (S1) / o que é finanças (S2). O aluno em sua sentença topicalizou o termo “finanças”, introduzindo-o antes mesmo do sujeito eu na oração. Por sua vez, a estrutura profunda da mesma construção apresenta duas orações, em que na primeira aparece o sujeito “eu”, e na segunda o predicativo do sujeito “ finanças”.

5. Considerações Finais

Considerando então os dados coletados a partir da leitura das duzentas (200) redações, nas quais foram encontrados os diferentes casos de topicalização na escrita desses alunos, os sete casos analisados neste artigo, quando colocados numa espécie de escala de aprendizado da escrita, servirão como norte para nossa discussão final. Delimita-se, portanto, que a base da nossa escala partirá de um estágio de 0% da escrita, ou seja, aquela em que o aprendiz utiliza-se somente da oralidade e tende a topicalizar muito. À medida em que vai adquirindo a escrita, como um registro da língua, os níveis de adequação à norma culta vão aumentando gradativamente, até que se alcance 100% da escrita, aquela com nível universitário completo, da escrita culta e sem qualquer vestígio dos traços da oralidade, com 0% de topicalização. Dessa forma, levando em consideração o grau de instrução que os alunos (autores das redações analisadas) possuem, que em nossa escala ocupam um lugar intermediário, a caminho do nível “ideal” (100%), juntamente com o número de textos lidos e casos encontrados, observa-se que a escrita dos mesmos está bem próxima da culta, no que se refere ao fenômeno em análise. As topicalizações ocorrem muito pouco, em comparação com outras dificuldades presentes, não apresentando nenhum dado preocupante para os educadores que buscam respostas ou soluções para tantos fenômenos de inadequação da escrita do jovem. Esses poucos usos de topicalização nada mais são que vestígios da oralidade na aquisição da escrita, e o total de apenas sete (7) ocorrências num universo de duzentas (200) redações, permite-nos concluir que a dificuldade do jovem ao escrever não está nesse fenômeno sintático.

Referências Bibliográficas

LYONS, J. – **Linguagem e Lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro, RJ. Ed. LTC, 1987.

MIOTO, C., LOPES, R. E., SILVA, M. C. F. – **Manual de Sintaxe**. Florianópolis, SC. Ed. Insular, 1999.

PERINI, M. A. – **Sofrendo a Gramática**. São Paulo, S.P. Ed. Ática, 1997.

_____ **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo, S.P. Ed. Ática, 2004.

PONTES, E. S. L. – **O tópico no português do Brasil**. Campinas, SP. Ed. Pontes, 1987.